“Tentativas de Mitologia”, um livro indispensável

ODILON NOGUEIRA DE MATTOS

A reunião de diversos escritos, publicados em diferentes ocasiões e versando os mais variados assuntos, todos, porém, do mais alto interesse para as diversas áreas da cultura brasileira — exatamente como fizera antes com “Cobra de Vidro” — propiciou-nos a oportunidade de reler Sérgio Buarque de Holanda e especialmente a de vê-lo novamente em livro, assegurando um sentido de permanência a escritos que seria uma pena se ficassem perdidos nas folhas amareladas dos jornais, alguns de mais de vinte anos. O autor tem, às vezes, a preocupação de querer que o leitor separe o historiador do crítico, mas quem o conhece sabe que isto é impossível. Eis porque suas críticas não têm apenas o caráter circunstancial de páginas de ocasião, que no mais das vezes caracterizam os escritos dessa natureza, os quais, com raras exceções, não fazem jus a que o leitor os guarde: lê-se-os, concorda-se ou não com eles, apreciam-nos mais ou menos de acordo com o conhecimento do livro criticado, e passa-se adiante sem que a crítica abale ou sequer influencie nos critérios de julgamento. Com os escritos de Sérgio Buarque de Holanda é diferente. Ninguém pode ser insensível a eles, pois não são apenas crítica. Ao lado desta e naturalmente sem prejuízo desta, há toda uma soma de informações que se refletem num esclarecimento de questões duvidosas ou controvertidas, no enfoque superior de tantos pontos às vezes obscuros, enfim uma contribuição importantíssima para o melhor conhecimento dos temas abordados.

Às vezes o leitor até esquece que está lendo crítica a um determinado livro, especialmente quando este é de um Jaime Cortezão, de um Oliveira Viana ou de um Gilberto Freyre, entre outros. É claro que isto também depende do livro criticado. E ainda sob este aspecto o autor de “Tentativas de Mitologia” (Editora Perspectiva, 284 pág. Cr\$ 270,00) foi bastante sábio ao escolher livros que lhe propiciassem o que dizer. Alguns exemplos bastarão: a discussão em torno do conceito de cultura, a propósito de uma obra de Oliveira Viana; os conceitos de geopolítica na expansão geográfica do Brasil, a propósito da documentação De Angelis, divulgada pelo historiador português Jaime Cortezão; as considerações em torno da sociedade patriarcal, a propósito da obra de Gilberto Freyre; os reparos a “Ingleses no Brasil”, do mesmo autor; os aspectos da sociedade rural em fase de transição, a propósito de um ensaio de Emilio Willems; as considerações sobre o barroco, à margem de um prefácio de Antônio Sérgio e de uma tese de Eduardo d’Oliveira França, e por aí afora, que teríamos que citar o livro todo, se a todos fôssemos enumerar.

O autor parece não ter revisto seus escritos. Reuniu-os no livro, tal como foram

publicados na imprensa. Em se tratando de crítica (e em alguns casos críticas a autores já falecidos, como Jaime Cortezão e Oliveira Viana), não poderia, obviamente, ser de outra maneira. Mas no caso de Sérgio Buarque de Holanda, reveste-se ainda de maior interesse por mostrar que os temas abordados, alguns há quase trinta anos, não perderam a atualidade e, em muitos casos, nem sequer outros trabalhos foram publicados que justificasse uma mudança de atitude por parte do crítico.

Aos leitores que julgam que as críticas não merecem ser lidas senão no momento em que são publicadas, isto é, quando o livro criticado ainda é novidade, a leitura de “Tentativas de Mitologia” servirá para a revelação de aspectos diferentes na produção de um escritor, dos maiores de nosso país, sobretudo quando se considera a segurança das proposições que enuncia, ainda que a propósito de ligeiras apreciações de obras que talvez tivessem passado despercebidas se delas não se ocupasse o autor do presente livro. Mencione-se, como uma das partes mais interessantes do volume, o extenso prefácio, que, longe de relatar apenas o porquê do livro ou a trajetória do autor, encerra significativa e curiosa página sobre Graça Aranha, um pouco escondida, assim, daqueles que teimosamente não têm o hábito de ler prefácios, por mais que se lhes recomende, lembrando que, muitas vezes, o texto se torna pouco claro sem a leitura atenta das páginas que o precedem. Pode-se apreciar, por exemplo, “Casa Grande e Senzala” sem o prefácio à primeira edição?

Uma dificuldade, cremos, o autor há de ter sentido, como certamente já o sentiram todos os que publicaram livros de assuntos variados: encontrar um título adequado. É comum dar a livros assim o título do primeiro capítulo, hábito sinceramente nada recomendável bibliograficamente falando, por levar muita gente a pensar na natural limitação implicada pelo título. O autor não se preocupou muito com o problema, ao dar ao livro o título das críticas que formulou a Jaime Cortezão. Posto no plural, pareceu-lhe que se prestaria a designar uma coletânea de artigos onde prevalece o cunho polêmico. Mas — é o caso de se perguntar —, quem vendo um livro com tal título poderá imaginar que ele encerre capítulos sobre Oliveira Viana, Gilberto Freyre, José Honório Rodrigues, Antônio Cândido, e tantos outros, versando, ainda sobre os mais diversos assuntos? Ao titular seu outro livro de crítica o autor pareceu-nos bem mais feliz. Mas é óbvio que este reparo em nada afetará a apreciação do livro, indispensável na biblioteca de quem quer que se dedique a estudos brasileiros.

O professor Odilon Nogueira de Mattos é titular do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.